

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**BERNARDO FERREIRA ESTILLAC LEAL
IGOR JUNIO BARBOSA MARÇAL
MARCO TÚLIO VERAS BAYMA**

**GALOUCURA E MÁFIA AZUL
A trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte**

**Belo
Horizonte
2018**

BERNARDO FERREIRA ESTILLAC LEAL
IGOR JUNIO BARBOSA MARÇAL
MARCO TÚLIO BAYMA

GALOUCURA E MÁFIA AZUL
A trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo e Relações Públicas.

Orientadora: Ana Carolina Vimieiro

Belo Horizonte
2018

RESUMO

O presente trabalho apresenta um livro-reportagem que realiza um esforço histórico de entender o contexto de fundação e crescimento das duas principais Torcidas Organizadas da cidade de Belo Horizonte, a Torcida Organizada Galoucura e o Comando Máfia Azul, que tem suas atenções voltadas para os dois principais clubes da Capital Mineira, Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube, respectivamente.

A ideia central do projeto passa por reunir uma quantidade significativa de informações sobre as torcidas desde sua fundação até o momento atual de suas atividades. Nesse contexto, se destaca a centralidade da visão dos participantes das Torcidas no processo de construção narrativa, elemento que tem pouca voz nos materiais disponíveis sobre o tema, que geralmente contam com uma visão externa, seja de pesquisadores ou mesmo de setores jornalísticos. Dessa forma, o lugar de fala dos torcedores será respeitado e os relatos introduzidos colocados como protagonistas do registro.

Utilizando como base as informações de trabalhos com o mesmo esforço de pesquisa tratando sobre as Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro e de São Paulo e também de materiais que analisam o comportamento e localização da mídia esportiva dentro do cenário da imprensa, o presente livro-reportagem traz uma perspectiva ampla de quem viveu de perto os movimentos de torcida em BH, não excluindo, portanto, os aspectos social, cultural, midiático e esportivo que permeiam esse cenário.

Sumário

INTRODUÇÃO	4
JUSTIFICATIVA	7
OBJETIVOS	12
Objetivo geral	12
Objetivos específicos.....	12
O LIVRO-REPORTAGEM NO ESPORTE	14
Livro-reportagem	14
Exemplos que inspiraram	16
Escolha intencional de colocar muitas aspas dos torcedores	17
PRODUÇÃO	20
Apuração.....	20
Fontes	22
Entrevistas	24
ESCRITA	29
Pautas (Construção das pautas)	29
Desafio de fazer dialogar Galoucura e Máfia Azul	30
Desafio de ter um texto “uníssono” mesmo com 3 pessoas escrevendo o mesmo livro.....	30
CONCLUSÃO	32
FONTES	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXOS	36
Anexo A: Roteiro da entrevista	36
Anexo B: Pautas.....	37
Pauta 1- O nascimento de Galoucura e Máfia Azul.....	37
Pauta 2- Anos 90- Dinâmica de crescimento.....	39
Pauta 3- Anos 90- Mídia e Repressão.....	40
Pauta 4- Torcidas Organizadas, política e poder.....	42
Pauta 5- Cenário atual e novas torcidas.....	43
Pauta 6- Episódios marcantes.....	44

INTRODUÇÃO

As Torcidas Organizadas não são um fenômeno tipicamente brasileiro, existindo fenômenos muito parecidos ao redor do mundo, principalmente nos países mais apaixonados por futebol. Em cada um desses países, as organizações de torcedores possuem características próprias muito relacionadas ao contexto social em que vivem. Essas mesmas características podem se alterar bastante também de acordo com o momento histórico vivenciado na época.

São exemplos interessantes, nesse sentido, o caso das torcidas nos países dos bálticos e na Inglaterra. Os torcedores dos bálticos são muito conhecidos por seu fervor nas arquibancadas, mas também pela violência e alto grau de rivalidades políticas entre times do mesmo país e de países vizinhos. Isso se justifica pelo nível das tensões geopolíticas vividas nessa região europeia durante todo o último século e início do século XXI, tendo uma forte reverberação nas torcidas.

No livro “Como o futebol explica o mundo”, o jornalista estadunidense Franklin Foer dedica seu capítulo inicial para tratar sobre como as guerras de dissolução da Iugoslávia deixaram um legado de violência organizada nas sociedades do antigo país e trata sobre como esse contexto foi assimilado dentro da cultura das torcidas de futebol, mais especificamente a torcida do Estrela Vermelha, time de Belgrado, capital da Sérvia. Em um trecho do livro, Foer fala sobre o cenário multiétnico da Iugoslávia e apresenta a relação entre os grupos de Torcedores Organizados e as forças paramilitares que se consolidaram nas guerras que assolaram essa parte do continente europeu a partir da última década do século XX.

Cada estado da antiga Iugoslávia desenvolveu estereótipos étnicos amplamente aceitos, que os comentaristas esportivos transpunham para os jogadores. Os eslovenos eram soberbos defensores, correndo incansavelmente atrás dos atacantes adversários. Os croatas tinham um pendor germânico para aproveitar oportunidades de gol. Bósnios e sérvios mostravam criatividade em dribles e passes, mas ocasionalmente lhes faltava sagacidade tática. No Estrela Vermelha, um amálgama de diferentes iugoslavos reunia suas especialidades e venciam as superpotências da Europa. Essa performance deveria ter proporcionado

alguma esperança de salvação para a Iugoslávia multiétnica. Mas, à sombra dessa temporada do campeonato, na sede e no estádio do Estrela Vermelha tramava-se a destruição dessa Iugoslávia. A partir das próprias fileiras do clube, uma organização paramilitar de hooligans foi formada e armada. Krle, que levou um tiro na perna, serviria nesse exército. Os torcedores do Estrela Vermelha se tornariam a tropa de choque de Milosevic, os mais ativos agentes da limpeza étnica, genocidas altamente eficientes. (FOER, 2005, p. 17-18)

No caso dos torcedores ingleses, eles começam a se envolver crescentemente em atos de violência e vandalismo a partir dos anos 1960, quando, diante do boom do pós-guerra, o setor do futebol vivencia processos relativamente iniciais de comercialização e internacionalização (Giulianotti, 2002). Naquele momento, tem início uma reorganização cultural do futebol, que será intensificada nos anos 1980 e 1990. É nesse contexto que os clubes passam a tomar decisões que buscam atrair um público mais afluyente de consumidores do esporte. É o início, em algum sentido, da aproximação do futebol das indústrias do entretenimento (Giulianotti, 2002). Os torcedores tradicionais, por sua vez, frustrados com as mudanças de uma cultura que costumava ser baseada nas classes trabalhadoras, começam então a se envolver em atos de hooliganismo que, para Giulianotti (2002), podiam ser vistos também como ações de resistência ao processo de elitização emergente. Durante a recessão econômica dos anos 1980 no Reino Unido, os casos de hooliganismo se acentuam, com a temática ocupando uma posição de centralidade na agenda pública.

O que isso quer dizer no cenário brasileiro? Assim como nos casos citados (que são apenas uma pequena parte de um espectro mais vasto), as Torcidas Organizadas brasileiras nem sempre tiveram a mesma configuração visual e sonora, ou a mesma representação política, a mesma percepção do público geral e das autoridades de segurança e elas também tiveram momentos cambiantes no aspecto de enquadramento jornalístico. Não é difícil constatar essas afirmações imagetivamente, quando comparamos eventos próximos (como finais de campeonatos) das mesmas equipes analisadas em contextos diferentes.

O presente livro-reportagem busca oferecer ao leitor uma oportunidade de entender como as Torcidas Organizadas se comportam em diferentes contextos e como todo o cenário geral ao redor dessas organizações influencia em sua dinâmica interna e na forma como se relacionam com os públicos do esporte, com a mídia e com as autoridades do Estado e do futebol, como dirigentes de clubes, organizações de estádios, federações e outros agentes dos bastidores do esporte mais popular no Brasil.

Nesse sentido, o trabalho também oferece uma visão histórica das Torcidas Galoucura e Máfia Azul, os nomes mais importantes nas arquibancadas Atléticas e Cruzeiroenses nas últimas três décadas do futebol belo-horizontino.

A Máfia Azul foi fundada em 1977 e a Galoucura em 1984 e se tornaram as duas principais Torcidas Organizadas de seus respectivos clubes. A história de ambas as organizações é pouco documentada de forma institucional e o que existe de acervo é basicamente advindo de materiais particulares de membros das Torcidas e de outros frequentadores de estádios de futebol. Além desse tipo de material, existe também o que foi produzido por veículos midiáticos, que nas poucas narrativas sobre esses agrupamentos, focam apenas nos episódios de violência que os envolvem, não concedendo visibilidade a outras questões que permeiam o cotidiano das torcidas.

A forma como essas duas torcidas são vistas varia de forma considerável entre os mais diversos públicos e períodos de tempo. Galoucura e Máfia Azul são percebidas dentro do cenário urbano de Belo Horizonte de uma forma pelas autoridades de segurança, de outra por diretores dos clubes, das mais diversas por torcedores de futebol que frequentam estádios, dos que não frequentam e mesmo de quem sequer assiste uma partida do esporte por ano. É um dos sinais de que o esporte transcende as quatro linhas e, por isso, as Torcidas Organizadas merecem uma atenção mais específica e dedicada às suas trajetórias.

O livro-reportagem “Galoucura e Máfia Azul - A trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte” busca, portanto, estabelecer um documento histórico sobre as duas Torcidas levando em conta a visão interna dos contextos vividos ao longo de suas mais de três décadas de existência.

JUSTIFICATIVA

A produção de um livro-reportagem que busca registrar a trajetória histórica das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte se justifica por uma série de razões. Primeiro, não há produções documentais que tracem esse histórico no caso específico de Minas Gerais e dos agrupamentos com maior centralidade cultural para os maiores clubes do estado, Galoucura e Máfia Azul. Segundo, práticas e instituições que se desenvolveram no seio das classes populares, como as Torcidas Organizadas, têm uma tendência histórica de serem ignoradas ou subvalorizadas, o que nosso trabalho busca reverter. Por fim, não existem relatos jornalísticos sobre o fenômeno das Torcidas Organizadas que ultrapassem a dimensão da violência que as cerca, aspecto que tem relação com a forma de narrar o mundo que o jornalismo esportivo tem adotado ao redor do globo.

Sobre o primeiro ponto, sabemos que é somente a partir dos anos 1990 que as pesquisas sociais e culturais sobre o futebol se consolidam como um campo no Brasil (Giglio & Spaggiari, 2010). Antes disso, pesquisas sobre o tema que tinham um viés social ou cultural se desenvolveram de forma esporádica e isolada. Parte das pesquisas que têm desde então se dedicado ao futebol a partir de um viés social ou cultural tem focado em torcedores e agrupamentos torcedores (Toledo, 1996; de Hollanda, et al., 2014; Teixeira, 2010, 2013). Contudo, há pouca produção sobre os grupos de torcedores de Minas Gerais -- uma exceção é o estudo “Belo Horizonte e o futebol: Integração Social e Identidades Coletivas (1897-1927)”, de Euclides de Freitas Cunha e artigos como “Apontamentos Sócio-históricos culturais sobre o futebol no Brasil e em Belo Horizonte, Minas Gerais” de Marcel de Almeida Freitas. Nos trabalhos citados, existe uma carência de dados e análises específicas sobre os movimentos das Torcidas Organizadas de Belo Horizonte de forma mais específica, sendo notório um esforço de percepção sociológica mais ampla do futebol.

Tal situação impacta, inclusive, no registro da história desses agrupamentos, que tende a se perder caso esforços não sejam empregados nessa direção, portanto, uma das justificativas do trabalho é aprofundar o que já foi produzido relacionando o futebol com a sociedade e adicionar

um viés mais específico para a história das duas principais Torcidas Organizadas de Minas Gerais.

Sobre o segundo ponto, Raymond Williams, ao destrinchar os Estudos Culturais, vai justamente no caminho contrário às definições clássicas do que seria cultura. Essas definições determinavam cultura a partir de um certo juízo de valor, com classificações como “alta” e “baixa” cultura que levavam em consideração o ponto de vista aristocrático e burguês. O pesquisador baseia seu argumento a partir de um ponto comum, horizontalizando o conceito de cultura para abranger a sociedade em sua integralidade e valorizando elementos periféricos. A mudança de foco de cultura não só como algo produzido ou construído, mas com a inclusão de modos de vida distintos ao *statuo quo* democratizam e tornam inclusivas práticas diversas.

No caso das Torcidas Organizadas, que são ligadas fortemente às classes mais populares e periféricas, percebemos um vácuo histórico em termos de registro. Apesar do vazio, esses agrupamentos têm relevância cultural essencial para o entendimento analítico da sociedade não só mineira, como brasileira, devido ao peso do futebol em nossa história. Dessa forma, os estudos de Williams fundamentam nossa percepção da importância de coletar os relatos de torcedores para contarmos a trajetória dessas instituições.

Sobre o terceiro ponto, é importante destacar que pesquisas demonstram que o foco do jornalismo esportivo tem sido naquilo que ocorre dentro de campo, com as narrativas em geral analisando apenas resultados e os principais agentes desse esporte - jogadores e treinadores. No caso das Torcidas Organizadas, ainda existe o agravante já citado, de entrarem no noticiário apenas na editoria policial com eventos isolados de alguns membros. É um problema que pode ser considerado estrutural do jornalismo, principalmente na mídia esportiva, quando levamos em consideração os resultados da pesquisa comparativa *The International Sports Press Survey 2005*, analisada por Rowe (2007) e repetida com ainda mais países participantes em 2011.

O relatório de 2011 abrange 22 países por todo o mundo, inclusive o Brasil. Para ter-se uma noção da proporção da pesquisa, quase 18 mil notícias do jornalismo esportivo (556 apenas de fontes brasileiras) foram analisadas. Oitenta jornais estão inclusos no levantamento, que foi realizado por mais de 30 pesquisadores de diferentes locais do globo. Os artigos analisados tem em sua grande maioria a abordagem no futebol, porém outros esportes bem menos populares, como Badminton, Tênis de Mesa e Canoagem, também aparecem nos dados. Portanto, o *The*

International Sports Press Survey 2011 consegue juntar uma infinidade de informações para trazer uma percepção global de como o jornalismo esportivo aborda pautas diversas de diferentes esportes.

Quando analisamos os números da pesquisa em si, a gigantesca base de dados sustenta a justificativa de que a abordagem que o jornalismo esportivo, não só brasileiro, mas mundial, faz sobre as Torcidas Organizadas são raros e, quando feitos, não dão o protagonismo aos torcedores. De acordo com os números, perto de 80% das notícias abordam conteúdos factuais dos esportes, como resultados e reportagens sobre jogos/competições (30,7% dos dados), o desempenho dos clubes/jogadores (28,6%) e a prévia de competições/jogos (18,4%). Assim, questões importantes, contextuais aos esportes, como justamente os torcedores, são minimamente lembrados, com apenas 1,8%. A abordagem factual que é a favorita da imprensa esportiva também deve ser o modo como esse ínfimo percentual trata os torcedores. Logo, tanto o método em lidar com essas situações quanto o modo de seleção do que será veiculado precisam ser questionados, por justamente serem esporádicas as vezes em que o assunto aparece nas publicações e interesses pontuais latentes.

Ainda debruçando-se sobre as informações do estudo, cerca de 70% dos indivíduos que estão em foco nas matérias são relacionados diretamente ao mundo dos esportes. Próximo a 50% de todos abrangidos são atletas, perto de 15% são técnicos ou dirigentes e 5% são representantes gerais das agremiações. Mais uma vez, podemos destacar o comportamento da mídia esportiva em focar os episódios em si frente ao contexto e, conseqüentemente, invisibilizar torcedores, ao não dar protagonismo a assuntos relacionados diretamente a eles.

Para basear ainda na questão sobre invisibilidade, quando o survey levanta dados sobre as fontes requisitadas para o tratamento dos assuntos, eles destacam que mais de 60% da cobertura se estrutura em personagens diretamente ligados ao esporte. Esses são atletas, técnicos, dirigentes e representantes gerais dos clubes. Logo, o contexto esportivo é massivamente renegado mais uma vez, e a análise confirma ainda mais quando tratamos de torcedores. O diálogo com o grupo é tão baixo que nem aparece nos gráficos da pesquisa.

Portanto, a postura da imprensa esportiva mundial é de negligenciar assuntos relacionados a torcedores, principalmente os Organizados. Os números do *The International Sport Press Survey 2011* legitimam que o contexto esportivo é praticamente ignorado, por o tratamento geral ser

factual e apenas voltado ao que ocorre com dentro de campo. Assim, os torcedores, bem como todo e qualquer aspecto que não está associado com os protagonistas do esporte são quase ignorados.

A análise de David Rowe se dá sob os números do *The International Sport Press Survey 2005*, porém, a proporção das informações é praticamente a mesma de 2011, mesmo quando a base de dados é menor, mas ainda muito relevante, com cerca de 10 mil artigos analisados. O pesquisador, inclusive, endossa a questão do jornalismo esportivo não dialogar com outros campos sociais. Por as interpretações focarem questões descontextualizadas e sempre por protagonistas diretos do esporte, a falsa sensação de que a atividade é composta e realizada apenas por estes é instituída. Portanto, personagens importantes para a construção do evento esportivo como o torcedor são invisibilizados ao não terem voz na mídia. Toda a dinâmica social que reflete composições importantes daquele local, como os aspectos culturais, políticos, religiosos e econômicos são ignorados, e, assim, silenciados.

Rowe critica a alcunha internacional de *Toy Department* (ou Departamento de Brincadeira) que seria a visão que o jornalismo esportivo tem dentro de um contexto midiático geral e até mesmo no meio acadêmico jornalístico. A questão trata erroneamente o esporte como simples forma de lazer. Logo, acaba que assim também é sua cobertura, com profissionais despreparados para abordar questões mais profundas, que permeiam o contexto esportivo. Esse sistema, infelizmente, acaba se retroalimentando com o passar do tempo.

Se analisarmos o discurso de David Rowe na perspectiva do livro-reportagem percebemos como a ideia de que o jornalismo esportivo trata-se de um *Toy Department* afeta a cabeça do público. Assim, podemos afirmar que o esporte excede sua dimensão de lazer e descontração, e tem premissas mais profundas, ao atingir áreas da sociedade como política, economia, cultura e religião; o que é infimamente abordado pelo jornalismo esportivo. Assim, a limitação e simplismo adotado na cobertura de conteúdos relacionados às Organizadas, na maioria dos casos violentos, reduzem os agrupamentos à violência e a violência no futebol a apenas esses grupos.

Dessa forma, o livro-reportagem “Galoucura e Máfia Azul - A trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte” faz uma análise em que os Torcedores Organizados têm protagonismo de fala para o registro de sua própria história. Isso faz com que algo importante para a construção e popularização do futebol não se perca frente à invisibilidade aplicada pela

cobertura do jornalismo esportivo que é intensificada por esses serem movimentos que agregam setores já marginalizados e invisibilizados da sociedade. Ser a primeira produção nesse sentido traz uma carga de relevância latente à produção, tanto para o contexto acadêmico quanto para o contexto social geral.

OBJETIVOS

Objetivo geral

O objetivo geral do livro reportagem “Galoucura e Máfia Azul - A trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte” é traçar um perfil histórico das duas maiores Torcidas Organizadas de Belo Horizonte, abordando as mudanças internas desde sua fundação até os tempos atuais e também como os contextos externos à organização foram influentes durante sua existência. Com o livro-reportagem, busca-se obter um documento que reúna uma quantidade significativa de informações sobre essas Torcidas a partir de uma visão interna dos acontecimentos, algo não encontrado em outras obras.

Além de reunir as percepções de quem fez ou faz parte das Torcidas Organizadas da capital mineira, o trabalho busca construir uma narrativa intertextual, fazendo dialogar o que já foi produzido sobre os movimentos de Torcidas dentro e fora do Brasil e estabelecer uma relação entre esses materiais e a realidade em um ponto mais específico, no caso as Organizadas Galoucura e Máfia Azul.

Objetivos específicos

- Construir um acervo histórico para duas entidades extremamente importantes, significativas e partes indissociáveis da história dos principais clubes mineiros nos últimos 30 anos.
- Perceber as transformações vividas dentro das Torcidas a partir de uma mudança do cenário urbano de Belo Horizonte e compreender como as condições espaciais, étnicas, culturais, midiáticas, sociais e governamentais afetam grupos organizados de diversos segmentos, incluindo no futebol.
- Perceber como se deu o processo de fundação, crescimento e consolidação das Torcidas ao longo do tempo. Como se deu o caminho de Galoucura e Máfia Azul até o posto de principais Torcidas Organizadas de Atlético e Cruzeiro, respectivamente.

- Outro objetivo é perceber como as Torcidas Organizadas, muitas vezes vistas como um pilar da forma de torcer clássica do brasileiro, se relacionam com as transformações vividas pela cultura de arquibancada nos últimos anos, em especial depois da Copa do Mundo FIFA de 2014 e com a consolidação de políticas mais restritas de acesso aos clubes como os planos de sócio-torcedor.
- É importante também salientar a relação das Torcidas Organizadas com a violência dentro e fora dos estádios. O livro-reportagem tem como um de seus objetivos tocar no tema de forma a compreendê-lo de maneira mais ampla e perceber suas motivações, a visão dos membros e ex-membros e também discutir a forma como a violência no futebol é tratada pelos veículos de comunicação de grande alcance no setor esportivo.
- O jornalismo esportivo é também fruto de análise do trabalho e, portanto, um tema presente na lista de objetivos específicos. Abordando a cobertura jornalística do esporte, mais especificamente o futebol, o trabalho busca compreender como aspectos comuns à forma de se tratar o futebol na mídia influencia a vida dentro das Torcidas Organizadas e também a forma como os torcedores e demais cidadãos percebem e discutem a presença dos Organizados nos estádios e em seu entorno.

O LIVRO-REPORTAGEM NO ESPORTE

Livro-reportagem

Como explicitado por David Rowe (2007), o jornalismo esportivo tem um histórico de ser visto como o *Toy Department* da imprensa. Por esse motivo, raramente as publicações da área trazem registros sobre instituições do esporte com amplitude em sua abordagem, relacionados ao contexto cultural, social, político ou econômico. A cobertura tende a ser episódica, focada nos jogos, campeonatos e atletas, sem abranger aquilo que foge dessa agenda clássica do jornalismo esportivo.

Quando nos referimos a Torcidas Organizadas, as publicações se tornam ainda mais escassas, principalmente por esses agrupamentos não terem legitimidade aos olhos de órgãos públicos e imprensa. Isso advém da constituição desses grupos, geralmente compostos por cidadãos marginalizados socialmente. Logo, pela legitimidade limitada, o que se tem produzido tem a abordagem focada na criminalização das Organizadas. Portanto, ao dar protagonismo aos relatos desses atores sociais praticamente renegados dos registros ou com forte juízo de valor incriminatório, o livro-reportagem em questão proporciona a publicação de narrativas inéditas sobre a história de Galoucura e Máfia Azul.

A presença das Torcidas Organizadas na cultura do esporte brasileiro é ampla, porém, não foram encontrados nenhum tipo de registro sobre a história desses agrupamentos em Minas Gerais. Em São Paulo, o pesquisador Luiz Felipe de Toledo produziu sua dissertação de Mestrado, que futuramente, em versão retrabalhada, culminou no livro *Torcidas Organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole* que serviu como base para a elaboração da publicação “Galoucura e Máfia Azul - A trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte”. Assim, foi necessário ir atrás de fontes primárias para a conclusão do projeto.

A escolha do formato de livro reportagem se deu pela forte estruturação das narrativas com base em dados, depoimentos e informações que o modelo exige. Como seria o primeiro registro da trajetória e história de importantes grupos sociais do estado seria fundamental embasar bastante a pesquisa em dados históricos, reportagens relacionadas, autores importantes da área e outros.

As pesquisadoras Paula Melani Rocha e Cíntia Xavier descrevem em *O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico* o porquê do modelo de livro-reportagem ser um tipo de publicação tão em voga nos tempos atuais.

Dentro da perspectiva do desenvolvimento do jornalismo, de invenção e reinvenção de técnicas, procedimentos e modelos, além da inovação de meios e suportes, encontra-se o livro-reportagem. Este modelo vem crescendo no circuito editorial. Entre os motivos para o aumento no número de publicações de livro-reportagem estão: a queda do custo da impressão, a possibilidade de publicar em novas plataformas, o interesse do público, e também ser uma alternativa aos profissionais jornalistas de desenvolverem, por meio de um suporte específico, um texto diferenciado da prática das hard news.

Logo, a escolha pelo formato se justifica como uma resposta à crítica das produções relacionadas às Torcidas Organizadas de origem midiática, como simples notícias e reportagens diárias, pela sua superficialidade e abordagem que criminaliza esses agrupamentos. Por ser um fenômeno complexo e que o seu tratamento deve permear várias camadas sociais, culturais, políticas e econômicas, o modelo utilizado garante espaço para o desenvolvimento de uma pesquisa mais aprofundada.

Um outro ponto que ainda corrobora para o formato do livro-reportagem é o fato de que esse produto aproxima a produção jornalística de uma lógica narrativa mais experiencial, dando a um tema uma profundidade maior e construindo a argumentação a partir de uma imersão dos autores que não é permitida pela lógica produtiva do jornalismo das grandes redações, pautada pelo imediatismo e quantidade de material.

Dessa maneira, o livro-reportagem é um formato que apresenta mais possibilidades de expressar em um produto jornalístico toda a experiência obtida pelo grupo no processo de apuração das informações. É um formato que torna possível o mínimo desperdício de conteúdo na elaboração do trabalho.

Finalizando a discussão sobre o formato do trabalho, vale lembrar que o texto de uma reportagem é mais flexível para a caracterização de elementos como o cenário, contexto e os

personagens. Isso é essencial para a ideia do livro, já que ele tem como principais fontes os próprios torcedores entrevistados e como objetivo fazer uma aproximação entre o leitor e a trajetória das Torcidas Organizadas de Belo Horizonte ao longo de suas histórias.

Exemplos que inspiraram

A literatura sobre o esporte é bastante vasta e boa parte da produção é realizada no formato de livro-reportagem ou com uma narrativa factual e objetiva, que se assemelha bastante ao modelo reconhecido como texto jornalístico. Nesse sentido, não faltaram exemplos interessantes para que o grupo se baseasse na construção do livro.

Além do formato de texto e da construção estética da narrativa, as inspirações relevantes para a construção do livro-reportagem em questão são as que tratam de alguma forma dos temas abordados em nosso trabalho. O cenário das Torcidas Organizadas é bastante amplo, o que faz com que as influências possam ser de várias naturezas, incluindo uma análise sobre movimentos sociais, culturais e, claro, esportivos.

Para começar a citar exemplos que ajudaram a criar o padrão de tratamento dos assuntos no livro é importante ressaltar algumas matérias e reportagens especiais veiculadas majoritariamente na Revista Placar. A revista sempre procurou abordar o futebol com uma visão que excedesse o que acontecia nos gramados, o que abria espaço para uma abordagem frequente e razoável sobre as Torcidas, dentro do que se encaixa nos padrões buscados pelo grupo para o livro que conta as histórias de Galoucura e Máfia Azul.

Ainda dentro do contexto da Revista Placar, o livro *Onde o esporte se reinventa: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar* de Bruno Chiaroni e Márcio Kroehn também apresenta uma inspiração importante não apenas no texto e estilo, mas como uma diretriz para se tratar de um tema tão popular, mas ao mesmo tempo desconhecido em toda sua profundidade como é o caso das Organizadas.

Seguindo nos livros-reportagens, um dos grandes exemplos a ser citado é o livro *La Doce - a Explosiva História da Torcida Organizada Mais Temida do Mundo* do jornalista argentino Gustavo Grabia. Esse livro é uma inspiração importante porque dialoga com a proposta do grupo tanto em seu formato como em sua temática.

A ideia de Gustavo Grabia era tratar a história da principal Torcida Organizada do Club Atletico Boca Juniors, de Buenos Aires, contando-a de forma cronológica, com espaço para falas e percepções de personagens envolvidos, bem como todo o contexto que envolvia os acontecimentos narrados. Em que pese o foco na violência dado pelo autor, algo que não é o intuito de nossa produção, esse é um exemplo importante e que merece ser citado.

Saindo da temática relacionada de maneira mais forte ao futebol, outras obras foram importantes para a construção do contexto sociocultural ao qual o livro-reportagem se propõe. Com destaque para os movimentos culturais que participaram do processo de formação das Organizadas na cidade de Belo Horizonte. Duas obras merecem destaque nesse sentido.

A primeira delas é o livro comemorativo da loja de discos e gravadora independente Cogumelo, lançado em formato de catálogo, dando destaque aos discos lançados pelo selo, mas com textos e documentos que ajudam a entender o contexto cultural e social de BH durante os anos 1980 e 1990, épocas de eclosão de Galoucura e Máfia Azul.

A segunda é um livro que traz relatos jornalísticos e pessoais sobre o movimento Punk na região metropolitana de São Paulo. Intitulado *Meninos em Fúria E o som que mudou a música para sempre*, o livro é escrito em conjunto pelo jornalista e escritor Marcelo Rubens Paiva e o músico Clemente Tadeu Nascimento. O livro é importante para se conhecer o cenário da produção cultural e dos movimentos jovens marginalizados ao fim da Ditadura Militar no Brasil e ainda ilustra um cenário importante para se compreender as uniões e relacionamentos entre as Torcidas mineiras e as de outros Estados do Brasil.

É importante ressaltar que a maioria das inspirações não trazem um conteúdo no qual o grupo pudesse se embasar massivamente, sendo o livro-reportagem sobre as histórias de Galoucura e Máfia Azul o resultado de uma amálgama de fontes e produções de um amplo espectro.

Escolha intencional de colocar muitas aspas dos torcedores

As produções literárias, jornalísticas e acadêmicas são escassas quando o tema é a história de Torcidas Organizadas específicas, se acentuando quando se trata de Galoucura e Máfia Azul, as principais do futebol mineiro. Isso configura um problema em reunir informações que pudessem ser úteis aos propósitos mais específicos do livro construído pelo grupo.

Esse é um dos primeiros fatores que justificam a escolha em usar o discurso direto dos torcedores coletados através das entrevistas realizadas no processo de confecção da obra. Em suma, as falas dos torcedores simbolizaram uma das principais fontes para a construção da narrativa do livro-reportagem e isso fez com que elas ganhassem o devido destaque na produção.

Outro ponto que corrobora com a decisão de usar aspas com grande frequência no texto está relacionado ao teor inicial desejado pelo grupo ao tratar do tema. Uma percepção dos integrantes que foi acentuada durante as pesquisas para o Trabalho de Conclusão de Curso é de que os Torcedores Organizados têm pouca voz e espaço de fala quando são tema de produções jornalísticas e acadêmicas.

As produções jornalísticas costumam abordar as Torcidas em situações muito factuais, como em reuniões com autoridades de segurança ou quando seus integrantes participam de protestos ou eventos violentos. Nessas situações, as vozes das Organizadas são mediadas pela presença de autoridades como a Polícia Militar e Ministério Público, ou enquadradas como participantes de situações criminais, se tornando parte de um setor jornalístico especializado em tratar desses temas.

No caso das produções acadêmicas, as Torcidas Organizadas acabam ganhando destaque em análises mais gerais, que levam em conta os números, estatísticas e fatos e marcos históricos, com poucos holofotes direcionados aos membros e a história da instituição.

Dessa maneira, o livro-reportagem que conta a história das torcidas mineiras buscou fazer uma análise diferente, que pudesse abrir um espaço maior ao discurso direto de quem faz ou já fez parte de Galoucura e Máfia Azul.

Seguindo essa linha de buscar um tratamento diferente ao tema, as falas coletadas nas entrevistas se apresentaram de maneira muito interessante, com visões não divulgadas de momentos conhecidos e mesmo de realidades pouco ventiladas pela mídia que cobre mais de perto a realidade do futebol e de seus torcedores. Trazer à tona o que o grupo conseguiu colher de informação inédita é também uma forma de fazer com que o livro se torne mais relevante e é mais um ponto favorável a utilização de muitas falas ao longo do texto da obra.

Para que isso fosse possível, todas as entrevistas realizadas durante o processo de produção do livro-reportagem foram devidamente transcritas, sem exceção, o que foi fator chave para que

tantas aspas dos torcedores fossem utilizadas. Apesar de ter sido a ideia do grupo desde o início, é necessário destacar esse ponto, pois a transcrição dessas entrevistas não é uma regra em produções jornalísticas. Com tudo organizado já em texto, a identificação de cada fala com determinado tema tratado no livro-reportagem se deu de maneira muito mais eficaz.

Por fim, o uso de aspas frequentes é também uma opção estética de construção de um texto mais leve e de tornar a leitura mais interessante e estimulante, dando voz a pessoas que, muitas vezes, ficam alijadas de seu espaço de fala, mesmo fazendo parte de movimentos tão relevantes.

PRODUÇÃO

Apuração

O processo de apuração é sempre complicado, falando do jornalismo de um modo mais geral, pois é algo que muitas vezes não depende apenas de você. Por maior que seja a sua procura, os obstáculos podem ser muitos e difíceis de serem superados. Dito isso, o início da produção desse livro-reportagem não foi dos mais fáceis; após muitas leituras para agregar conhecimento teórico e referências, era hora de buscar os primeiros depoimentos para dar início à obra.

As necessidades de cada perfil de fonte se diferenciava de uma Torcida Organizada para outra, obviamente. Além disso, a dificuldade para chegar até essas fontes também pautava nossa procura, pois não podíamos ser reféns de pessoas que complicavam o acesso a elas a ponto de simplesmente pararmos nossa produção na espera por elas.

Dentro desses pontos, aliás, foi bem complicado iniciar os trabalhos com a Máfia Azul. Contatos informais diretamente com as redes sociais da Torcida Organizada não surtiram efeito, nos atrasando bastante em busca de alguém que pudesse funcionar como ponte ou como primeiro contato. Diante disso, entramos em contato com um membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFut) da Universidade Federal de Minas Gerais, que nos passou um contato de Rafael*, membro da Máfia Azul que foi nosso primeiro entrevistado pelo lado cruzeirense.

Pela parte da Galoucura, o início se deu por contatos por parte de nossa Orientadora, o que foi fundamental para já começar firme desde o princípio. Como será possível ver no roteiro das entrevistas, que está nos anexos deste relatório, existiam perguntas padrões para todas as conversas, e entre elas estava uma para pedir com que os entrevistados nos passassem contatos que eles acreditavam ser importantes para os assuntos que estavam sendo discutidos no livro-reportagem. Além disso, seguimos perguntando a amigos e conhecidos sobre intermediários ou possíveis contatos dentro de cada Torcida Organizada, além de ir atrás das recomendações dos previamente entrevistados.

O caminho para conseguir fontes para a Máfia Azul foi complicado. Além da dificuldade inicial descrita acima, mesmo após a conversa com Rafael*, que estava inserido apenas em um contexto

atual, sem referências para as gerações anteriores, novamente tivemos dificuldade para prosseguir. Apenas após enfim conseguir contato com membros que foram importantes na década de 1980 e 1990, as coisas começaram a se desenvolver mais naturalmente. Paulinho Popeye e Jean Marc foram vitais para entender o motivo da Máfia Azul ter começado a crescer aproximadamente apenas dez anos após sua fundação.

O contato de Jean foi mediado por um antigo aluno de francês do torcedor, que é amigo de infância de um dos autores. Após passar o contato, várias conversas foram feitas a ponto de explicar o projeto e passar confiança. Assim, após a entrevista de Jean, o mesmo passou o contato de Popeye, que tinha a segurança de seu amigo próximo ter sido entrevistado e garantir que era uma conversa tranquila.

Mesmo com ótimos depoimentos de Paulinho e Jean, ainda existia um buraco na linha do tempo da Máfia Azul que precisava de esclarecimentos. Continuamos tentando, até que visitamos a sede da Organizada na procura por mais fontes. Fomos muito bem recebidos e saímos de lá com a solução para o problema descrito acima: Éder Toscanini, fundador oficial da Máfia Azul, iria conversar com a gente.

Compreendido todo esse processo de como foi feito para chegar até nossas fontes, é importante também destacar toda a dificuldade que encontramos com as diversas tentativas com outras pessoas e a resistência que vários torcedores demonstraram para participar da produção de um produto jornalístico.

Essa resistência vem de um tópico já amplamente abordado por aqui, que é a cobertura rotineira que a mídia faz desses grupos, criminalizando os sujeitos e também as instituições, levando-os em consideração como atores de produtos jornalísticos apenas em eventos que corroboram ainda mais para esse enquadramento criminal. Nesse cenário, foi preciso romper uma barreira bem específica, com a finalidade de superar essa relação que podemos chamar de conflituosa entre o jornalismo esportivo e as torcidas organizadas.

Essa barreira causada pela resistência dos torcedores ainda se via mesmo em algumas das entrevistas que foram realizadas, mas o grande reflexo disso foi nas tentativas frustradas de contatos com diversos torcedores. O caminho entre adquirir o contato de uma pessoa e realizar a entrevista é muito longo e muitas vezes somos obrigados a parar no meio do percurso. A

intenção do livro-reportagem era entrevistar ainda mais do que oito pessoas, mas a resistência não deixou isso ser possível.

Anderson Arcebispo, por exemplo, foi nome forte na Galoucura durante a década de 1990 e também nesse século. Chegou a marcar o local de entrevista com um dos componentes do grupo em duas oportunidades, mas acabou desistindo de última hora em ambas. Na Máfia Azul, essa resistência e as tentativas frustradas se acentuam. Foram meses a procura do primeiro entrevistado, Rafael*, que não quis se identificar, para posteriormente passarmos mais uma vez por semanas de procura e convites ignorados. Éder Toscanini, fundador da Torcida, quase se negou a conceder a entrevista ao saber que era para um livro. Nesse sentido, ficou em evidência como torcedores que não tem mais ligação com a torcida tem mais predisposição a falar para esse tipo de material.

Fontes

O processo de decidir com quem conversar foi moldado a partir dos objetivos de produzir esse livro-reportagem, juntamente com as primeiras informações recolhidas nas primeiras entrevistas, o que nos deu um norte do que estávamos a procura para desenvolver melhor uma narrativa coerente.

Obviamente, desde o início, também estava nos planos o máximo possível de contato com fundadores e membros determinantes da década de 1990, para a construção de uma linha do tempo com o máximo de informação, mesmo com esse livro-reportagem não sendo um guia definitivo da história de Galoucura e Máfia Azul, as principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte.

A partir da divisão inicial que foi feita dos principais tópicos que seriam abordados durante o livro-reportagem, juntamente com certo conhecimento prévio de alguns nomes importantes das Torcidas e de contatos, principalmente por parte de nossa Orientadora, demos início a uma procura mais objetiva dos primeiros nomes a serem entrevistados.

O ponto chave para a produção do livro-reportagem com uma narrativa coerente e com os diferentes pontos relacionados a contextos sociais e culturais era conseguir depoimentos de atores importantes de diferentes gerações das Torcidas Organizadas. Além dos mistérios que

cercavam a fundação e os motivos para o crescimento dessas agremiações, também era necessário entender toda a dinâmica de funcionamento interno dessas Torcidas enquanto instituições, o que nos fez notar, por exemplo, como uma administração feita por pessoas capacitadas e com certas ambições de crescimento deram uma vantagem considerável para a hegemonia de Galoucura e Máfia Azul.

Além desse ponto, também não foi deixado de lado o contexto recente e atual que vivem essas Torcidas. Desse modo, pessoas mais jovens, com uma vivência mais recente dentro das Organizadas, também tinham muito a acrescentar, tendo em vista que tanto Galoucura quanto Máfia Azul passaram por reconstruções no início dessa década, após episódios de violência que abalaram toda a estrutura das agremiações.

Mesmo tendo em vista que boa parte dos membros permaneceram por décadas nas Torcidas, era necessária uma variação nos perfis, até para alguns dos entrevistados apresentarem um discurso mais fresco, principalmente em relação à década de 1990, que foi fundamental para todo o crescimento de Galoucura e Máfia Azul. O contexto diferente de cada Torcida também fazia exigências distintas, como a própria discrepância na década que foram fundadas. A Máfia Azul demorou para engrenar, mas era necessário esclarecer e compreender como era a atividade da Torcida enquanto fenômeno apenas de bairro e sem grande representatividade – além de buscar motivos para o crescimento depois de tanto tempo, como já questionado.

Na Galoucura, Léo James foi a grande fonte para os principais acontecimentos da Torcida durante seus primeiros anos de existência. A questão é que ele não é um fundador, mas sim um membro que adentrou a Organizada alguns meses após ela ser fundada. Já pelo lado da Máfia Azul, foi possível uma conversa com seu fundador original, Éder Toscanini, mas já nos momentos finais da produção do livro-reportagem. Foi de imensa importância para criar uma linha do tempo mais precisa sobre a primeira década da torcida cruzeirense, além de confirmar argumentos desenvolvidos pelos outros entrevistados anteriormente.

Continuando na Máfia Azul, Paulinho Popeye e Jean Marc foram fundamentais para a compreensão de todo o contexto que a torcida estava inserida, desde a parte social, as maneiras de angariar membros, passando também por relações políticas internas, externas e diretas com o clube. O processo de fortalecimento da Torcida enquanto instituição é detalhado de uma maneira

bem esclarecedora, o que nos fez, de certa maneira, até ir alterando os assuntos que seriam tratados no livro-reportagem de acordo com os depoimentos que vinham sendo recolhidos.

Sobre esses tópicos, pelo lado da Galoucura, Márcio Jorge Melo, o “Bogus”, foi fundamental para esclarecer o contexto em que a instituição atleticana estava inserida e como se deu toda a sua dinâmica de crescimento. Juntamente a ele, João Paulo, que entrou para a torcida na segunda metade da década de 1990, nos ajudou a construir uma narrativa mais completa de dentro da Torcida.

No livro-reportagem, existe um capítulo apenas para “Episódios marcantes” relacionados a ambas as Torcidas Organizadas. Muitos deles já estavam pré-determinados, pela relevância de temas como o episódio do Chevrolet Hall, que tomou grande proporção midiática, mas outros foram sendo relatados pelas fontes. O caso do menino morto por uma bomba em um Cruzeiro e Vasco, por exemplo, em 1997, foi rico para a narrativa, pois intercala diferentes temas: união entre torcidas e como isso pode acarretar em violência. Além disso, o caso de 1997 foi a primeira morte ocorrida dentro do Mineirão, portanto, importante inclusive para entendermos a própria trajetória dos conflitos, que como descrevemos no livro, têm tendido a uma certa dispersão mais recentemente.

Como dito acima, além de esclarecer um pouco mais sobre o contexto inicial de cada Torcida Organizada e compreender os motivos para que elas se tornassem hegemônicas, não era intenção do livro-reportagem excluir tudo que cerca o cenário atual vivido por essas instituições. Assim, nomes como o atleticano Fred e o cruzeirense Rafael* foram de imensa importância para compreender como Galoucura e Máfia Azul ainda se mantêm em destaque mesmo depois de todos os problemas e com tantos novos movimentos de torcedores surgindo para tentar quebrar essa hegemonia.

Entrevistas

Neste tópico será explicado como foi o percurso de cada entrevista. Será explicitado os processos próprios de cada um, pelos diferentes contextos, situações e pessoas. As abordagens em cada uma das entrevistas foram diferenciadas justamente pelas questões específicas que cercavam cada conversa.

A entrevista com Rafael* ocorreu dentro do campus Pampulha da UFMG. Demos carona para ele desde sua Faculdade até a Fafich, para conversar no gabinete da orientadora. O ambiente acadêmico impõe, naturalmente, um diálogo mais formal, logo, Rafael* estava condicionado a responder as questões de modo menos casual. Como a fonte tem uma idade próxima a nossa, o diálogo se deu de forma mais natural e ao longo da conversa ele foi se sentindo mais confortável. Ele foi a fonte que mais se mostrou prestativo durante o processo de montagem do livro, sempre respondendo rapidamente a perguntas sobre a Máfia Azul que surgiam. A entrevista focou mais no período atual da torcida, pois Rafael* é atuante ainda hoje e tem pouco mais de 20 anos.

Jean Marc nos recebeu em sua casa na região sul de Belo Horizonte. A conversa ocorreu em um tom diferente da de Rafael, pois o francês é mais velho e logo a linguagem falada é diferente. Por ser de outro país, a dinâmica da entrevista iniciou-se falando das origens dele e de como é ser Torcedor Organizado em outro local e a comparação com o Brasil. A postura de Jean é mais combativa naturalmente, então, as palavras tiveram que ser escolhidas de forma mais atenciosa. Ao fim da conversa, Jean nos convidou para mostrar a primeira camisa de uniforme da Máfia Azul, que estava guardada dentro de seu ateliê. Ao mesmo tempo em que a maioria dos torcedores organizados tem resistência e desconfiança em conversar com a mídia, alguns de nossos entrevistados se mostraram acolhedores, como nesta situação de fazer a entrevista dentro da casa do próprio torcedor.

No mesmo dia em que ocorreu a entrevista com Jean, também foi marcada a conversa com Fred. A relação com ele era mais tranquila, pois um dos autores estudou junto de Fred. Foi escolhida uma praça para o encontro e entrevista, na região nordeste da cidade. O ambiente estava um pouco barulhento, e para o gravador ficar em uma posição em que capturasse mais a conversa que os ruídos externos, foi necessário equilibra-lo na ponta do banco da praça. Sobre a conversa em si, foi mais tranquilo fazer conexões entre datas e episódios, por um integrante do grupo estar presente no contexto do entrevistado. Isso fez com que a fluidez e confiança desinibisse a fonte e as situações fossem expressadas de modo natural. A situação econômica de Fred favorece com que ele viaje para acompanhar o Atlético, assim esse aspecto de comparação de comportamento da torcida em BH e viagens ficou mais evidente, bem como a relação com outras torcidas do time.

Assim como foi programada a entrevista de Jean Marc, Paulinho Popeye também nos recebeu dentro de sua casa para conversa. Um ponto importante é que já era sabido que Popeye foi uma fonte importante na trajetória da Máfia Azul, até por ter sido indicado pelo próprio Jean Marc. A conversa iniciou-se de forma truncada, pois Paulo parecia um pouco nervoso por não saber exatamente como seria a abordagem. Como já foi dito, a postura defensiva inicialmente é compreensível, pela imprensa buscar conversar com torcedores organizados em situações de pressão e adversidade. Porém, ao longo da conversa, Paulo relaxou e os assuntos fluíram naturalmente.

A entrevista com Tosca foi, com certeza, a mais conturbada. Ela foi marcada para acontecer na Toca da Raposa 1, local de trabalho de Tosca. Porém, no dia marcado, havia um trânsito fora do normal, que fez o início da conversa atrasar por 90 minutos. O entrevistado, com razão, estava impaciente por conta do atraso e por ter outros compromissos no dia. Começamos a conversar informalmente, sem gravar os assuntos, para tentar apaziguar os ânimos. Com cerca de 15 minutos de conversa, ligamos o gravador sem o receio do entrevistado. A conversa, que a priori seria de 40 minutos, foi estendida para 90 com o consentimento de Tosca. Ele se sentiu à vontade durante toda a parte gravada da entrevista e adequou o linguajar para um tom mais formal. Tosca manteve uma postura isenta sobre a relação mídia/torcida e clube/torcida. No caso da primeira, por ter sido integrante de um famoso programa esportivo local em que torcedores representam seus clubes. No caso da última, principalmente por ser funcionário do Cruzeiro e ter se relacionado diretamente com várias diretorias. Ao fim da entrevista, os ânimos estavam leves e muitas desculpas foram pedidas pelo atraso.

A entrevista com João Paulo, membro da Galoucura, foi realizada na UFMG, na Fafich. O contato foi obtido através de fontes pessoais da professora orientadora Ana Carolina Vimieiro, que cedeu sua sala no prédio para que pudéssemos conversar. A professora participou da entrevista.

Como João Paulo estava de férias, estava com a agenda mais flexível em relação a horário de trabalho e se dispôs a ir até a UFMG durante a tarde, onde se reuniu com a professora Ana e Bernardo. A ideia do livro foi rapidamente explicada e o entrevistado não teve problemas em começar a falar de maneira gravada. Em um primeiro momento, o roteiro da entrevista foi seguido à risca, mas com o tempo e caminhar da conversa foi dada mais atenção às experiências

particulares de João Paulo, que se mostrou bastante solícito ao responder todas as questões levantadas. O entrevistado pareceu disposto a continuar ajudando o projeto e a conseguir mais fontes, porém não respondeu aos pedidos em contatos posteriores.

Outro entrevistado atleticano foi o ex-membro da Galoucura, Márcio “Bogus”. Bogus estava cursando o 10º período do curso de Teatro na Escola de Belas Artes da UFMG, prédio onde conversamos e o diálogo foi gravado. Bogus se mostrou um dos entrevistados com uma visão mais complexa em relação à torcida, pontuando bastante os impactos culturais, sociais e econômicos na formação das Organizadas e na forma como suas ações são reverberadas.

Suas ideias de percepção ampla sobre o tema do livro-reportagem se mostraram coerentes e importantes para a escrita de vários dos capítulos do livro e, como ele mesmo ressaltou, tiveram bastante influência de sua fase no momento da conversa, dentro do ambiente da UFMG. A entrevista com Bogus também marcou um dos cenários mais inusitados da experiência das entrevistas, em meio à música, dança e outras manifestações artísticas dos estudantes do prédio de Belas Artes e que se manifestam na importância dada pelo entrevistado aos movimentos artísticos que influíram no cenário de crescimento das Torcidas Organizadas.

A entrevista com Leo James, um dos primeiros membros da Galoucura, se deu em seu apartamento no bairro Santo Antônio. O local era localizado em uma área de classe média alta da capital mineira e se tratava de um prédio com alto grau de conforto. De alguma maneira, simbolizava as origens das duas Organizadas de BH, que partiram de jovens de classe média alta para ganhar as demais regiões da cidade, se fortalecendo através do crescimento em regiões periféricas. A conversa foi longa e marcada por momentos em que o entrevistado mostrava artefatos concedidos a ele pelo Clube Atlético Mineiro, o que revela o impacto político da Torcida.

O teor da conversa foi mais leve, focando mais no início da Torcida e com um tom mais nostálgico que crítico, sem se aprofundar em temas mais complexos. Ainda assim, foi uma entrevista bastante proveitosa no sentido de fornecer informações sobre momentos históricos importantes.

De modo geral, as entrevistas caminharam muito bem e com poucos contratemplos. Os entrevistados foram muito receptivos e atenciosos enquanto conversávamos, e poucos problemas foram encontrados ao longo das entrevistas.

ESCRITA

A construção de um livro-reportagem em um grupo de três pessoas apresenta alguns desafios que precisam ser levados em consideração e bem resolvidos para que o resultado final seja minimamente coeso e bem estruturado. Por isso, o relatório apresenta a fase da escrita com uma divisão baseada na construção de pautas, diálogo entre as histórias das duas torcidas e da produção de um texto minimamente uníssono entre os três autores.

Pautas (Construção das pautas)

O primeiro passo para a estruturação do livro era estabelecer uma ideia central que pudesse servir como fio condutor na produção do livro. Nas reuniões com a professora orientadora, decidimos que alguns temas seriam importantes e que as entrevistas teriam centralidade como fontes do trabalho.

A partir dessa decisão, era necessário estabelecer um roteiro padronizado de entrevista (presente nos anexos deste relatório). Essas entrevistas estabeleciam pontos em comum que deveriam ser respondidos por todos os entrevistados e garantiriam que algumas questões seriam tratadas no livro independente do teor da informação que coletássemos. Pontos como: ingresso na torcida, organização interna, relação com a rival e impacto dos resultados esportivos foram abordados com todos ouvidos pelo grupo.

A segunda etapa de construção de pautas foi mais específica e determinante em relação ao resultado final do livro-reportagem. Ela se deu em nova reunião com a professora orientadora e o grupo e foi resultado de um levantamento das principais informações coletadas nas entrevistas e nas leituras realizadas a respeito do tema.

Dessa reunião, ficou decidida a estrutura do livro. Ele foi dividido em seis capítulos, sendo cada membro do grupo responsável por dois. Cada capítulo teve uma pauta específica e bem detalhada para servir de base para a construção do texto e uso dos materiais disponíveis. As pautas estão disponíveis na seção de anexos deste relatório.

Desafio de fazer dialogar Galoucura e Máfia Azul

O diálogo entre as duas Torcidas é uma das bases mais importantes para a construção do livro. A proposta de contar a história de dois movimentos tão antagônicos em um mesmo texto se configurava como um dos grandes desafios para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso.

Como temas de rivalidade no futebol são bastante delicados, houve um cuidado em não estabelecer uma diferença de espaços e relevância de uma torcida para outra. Essa era uma questão importante porque envolvia não só a escrita, mas a coleta de dados, realização de entrevistas e até mesmo uma possível inclinação por parte de cada autor, que, afinal, também tem seu time de coração.

Apesar de todo esse cenário descrito, realizar o diálogo entre as histórias de Galoucura e Máfia Azul acabou não sendo tão complicado como imaginávamos no início. As realidades muito parecidas e os contextos de crescimento, consolidação e até mesmo os espaços físicos (uso dos mesmos estádios, por exemplo), fizeram com que contar conjuntamente a história das Organizadas belo-horizontinas se tornasse um esforço bastante natural.

A escrita exigia mais atenção e cuidado quando o livro se propôs a apresentar visões diferentes sobre um mesmo tema. Os mesmos eventos foram abordados por diferentes entrevistados e de diferentes Torcidas e esse pode ser considerado o maior desafio de estabelecer um diálogo entre alvinegros e celestes.

Um dos exemplos dessa confluência de narrativas entre as torcidas rivais é o sexto capítulo do livro, que trata de momentos marcantes na história das Organizadas, quase todos compartilhados entre atleticanos e cruzeirenses.

Desafio de ter um texto “uníssono” mesmo com 3 pessoas escrevendo o mesmo livro

A divisão do livro em seis capítulos e a divisão de dois para cada autor suscitou um problema de coesão no livro como um todo. Como não seria viável a produção de um trabalho com a densidade ideal de informação escrevendo de forma conjunta cada capítulo, essa foi a melhor

opção. A partir dessa decisão, era necessário estabelecer parâmetros para que o livro não tivesse diferenças significativas no texto.

O fato de o grupo já ter trabalhado junto em outros projetos da faculdade e, portanto, já ter produzido textos em conjunto foi um fator que facilitou que cada um pudesse moldar sua forma de escrever para que a produção não perdesse sua capacidade comunicativa por um problema de incompatibilidade de narrativas.

Além disso, foram estabelecidos alguns parâmetros de estrutura e estética que fizeram com que o texto fosse apresentado de maneira mais uniforme e sem problemas no aspecto visual, o que pode ser desconfortável para o leitor.

Acertados os aspectos mais grosseiros, o grupo decidiu, junto com a professora orientadora, por fazer revisões a cada capítulo escrito. Cada um leu todos os textos produzidos e apresentou sugestões e críticas para que os conteúdos fossem apresentados de maneira uniforme e que nenhuma parte do material ficasse muito destoante das outras.

Por fim, como consideramos realmente importante que o livro proporcione uma leitura fluente e corrida, foi decidido que os capítulos teriam a assinatura de seu autor, evidenciando que uma ou outra variação narrativa não se configurava como uma falta de coesão da obra, mas da característica de escrita de cada autor.

CONCLUSÃO

De maneira geral, o trabalho de confecção do livro permitiu uma série de discussões e aprendizado sobre o tema das Torcidas Organizadas e o quão representativas elas são não só para o universo do futebol e das arquibancadas, mas também no aspecto social, cultural e político.

Vale também destacar um aprofundamento nas noções de como os temas esportivos e os demais ligados de alguma forma ao esporte são tratados a partir de um enquadramento dominante pelos produtos jornalísticos, que olham para os eventos esportivos de uma forma episódica e isolada, fazendo com que os assuntos sejam abordados de forma descontextualizada.

A confecção em si foi uma importante experiência no sentido de conseguir reunir informações pouco específicas e trabalhar sempre com uma forte intertextualidade para conseguir relacionar os temas encontrados. Fazer com que análises acadêmicas, produções sobre Torcidas de outros estados e países e produtos de ordem cultural, política e sociológica conseguissem dialogar de maneira eficiente com a realidade de Galoucura e Máfia Azul foi um ponto-chave para que o livro chegasse ao resultado final.

Além disso, foi interessante trabalhar com um grupo, de forma geral, marginalizado pelos veículos midiáticos. Essa relação conturbada fez com que conseguir entrevistas fosse uma tarefa difícil e que essas também se dessem em um ambiente de conflito e insegurança por parte de alguns dos entrevistados.

O resultado final da experiência deixa clara a quantidade de informações que fica oculta sobre um tema até que se proponha um estudo mais profundo e dedicado sobre ele e que os esforços de se trabalhar sob óticas diferentes permite ao jornalismo apresentar um assunto já tão debatido sob outras perspectivas e extrair conteúdos relevantes.

FONTES

- Todos os entrevistados.
- Narrativas jornalísticas sobre os casos com mais visibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Catálogo Cogumelo 30 anos; Belo Horizonte, 2012; Cogumelo Records.

CORREIA SOBRINHO, J. . Violência de Massa no Futebol: um olhar clínico sobre o fenômeno das torcidas. Jornal Folha do Campos, Natal, 1997.

DAMO, A. S. (2011). Produção e consumo de megaeventos esportivos–apontamentos em perspectiva antropológica. Comunicação, Mídia e Consumo, 8(21), 67-92

DIAFÉRIA, Lourenço. Coração Corinthiano: Grandes Clubes do Futebol Brasileiro e Seus Maiores Ídolos. Fundação Nestlé de cultura, 1992.

GIULIANOTTI, R. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 5, n. 1, p. 15-29 jun. 2012.

GRABIA, Gustavo. La Doce: a explosiva história da torcida mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AZEVEDO, Anna Luiza; QUEIROZ, Ana Luisa. Das torcidas jovens às embaixadas de torcedores: uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no futebol brasileiro. Recorde: Revista de História do Esporte. Volume 7, Número 1, p.17, janeiro-junho de 2014.

PAIVA, Marcelo Rubens; NASCIMENTO, Clemente Tadeu. Meninos em Fúria: E o som que mudou a música para sempre. São Paulo: Alfaguara, 2016.

REIS, R. M. (2012). Campeonato Brasileiro de Futebol: reflexões, rupturas e continuidades nos campos da gestão esportiva (Master's thesis). Retrieved from http://www.copedu.net.br/wp-content/uploads/2013/04/Dissertacao-Romulo-Reis-Dezembro_2012.pdf

Revista Placar, Editora Abril. Outubro de 2012, número 1371, ano 42.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. Revista Rumores, São Paulo, volume 7 | julho-dezembro 2013, p. 138-157. Disponível em <<http://revistas.usp.br/Rumores/article/viewFile/69434/72014>>. Acesso em: 07 de novembro de 2018.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O Fim do Passe e a Modernização Conservadora do Futebol Brasileiro. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Sociologia / UFRGS, 2007.

ROWE, David . Fourth estate or fan club? : sports journalism engages the popular. Western Sydney University, Open University Press, Maidenhead, 2005

SOARES, C. Flavia. Pixadores de Elite: Duas décadas de uma grife. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcidas Organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole. Editora Autores Associados, 1994.

ANEXOS

Anexo A: Roteiro da entrevista

Roteiro Base para entrevistas com torcedores organizados

- 1) Qual seu nome, idade, profissão, grau de escolaridade e estado civil?
- 2) É natural de Belo Horizonte? Se não, de onde é?
- 3) Por que escolheu o time que torce? Quando se deu essa escolha? Quem influenciou?
- 4) Desde quando frequenta estádios de futebol?
- 5) Desde quando faz parte da Torcida Organizada? Ingressou antes ou depois de começar a frequentar estádios?
- 6) Como ocorreu seu ingresso na Torcida?
- 7) Ao longo da sua trajetória, como o desempenho esportivo do clube afetou a relação com a torcida? E como afeta a relação das organizadas com outros torcedores?
- 8) Como são as relações internamente na torcida? Como vocês planejam as ações? Como são os contatos entre os membros?
- 9) E você percebeu alguma mudança, nessas relações, ao longo do período como integrante?
- 10) Durante seu período como integrante da torcida, quais foram as maiores dificuldades que vocês enfrentaram?
- 11) Existe algum tipo de relacionamento/contato com outras Torcidas do mesmo clube? E como é ele, se existir?
- 12) O que diferencia a torcida que você faz parte das outras torcidas do clube? O que o motiva a fazer parte dela, em particular?
- 13) E ao longo dos anos, você percebeu mudanças no cenário torcedor do seu clube? Novos grupos de torcedores? Qual a relação que você percebe entre velhos e novos torcedores? Tanto em termos geracionais, quanto de novas torcidas e perfis de torcedor.

- 14) Qual a influência da Torcida Organizada em seu cotidiano? Como que as atividades da Torcida se encaixam na sua vida pessoal?
- 15) Como se dá a relação entre a Torcida e a direção do clube em gestões diferentes? Isso se transformou ao longo do seu tempo como membro?
- 16) Em viagens com a torcida, como se dá a relação com as torcidas amigas e rivais em outros estados?
- 17) Já esteve em situações de conflito com outras torcidas e forças policiais?
- 18) A gente está atrás de personagens conhecidos da torcida, lideranças atuais e antigas, para entender um pouco melhor essas mudanças. Você teria pessoas para nos indicar? Ou histórias sobre essas lideranças que você poderia compartilhar conosco?

Anexo B: Pautas

Pauta 1- O nascimento de Galoucura e Máfia Azul

Repórter: Igor

Tema: Cenário de fundação das TOs

Histórico e Resumo:

Esse capítulo vai contextualizar o surgimento das grandes TOs de Belo Horizonte com o surgimento de outros grupos de torcedores nas outras capitais brasileiras. O cenário de surgimento das TOs de BH é marcado por mudanças na organização dos campeonatos e na forma como o esporte passa a ser um espaço para a integração nacional e a constituição de um imaginário em torno da nação. Em BH, há uma impressão que o que move a criação das grandes TOs não é exatamente uma vontade de ação política, como ocorreu com outros grupos em SP e no RJ, mas uma inspiração “estética” e comportamental a partir do contato com esses agrupamentos já existentes. Máfia Azul e Galoucura surgem no ápice de seus times, com grandes conquistas e contato com outros torcedores e outros ambientes do esporte. Outros agrupamentos já existiam tanto dedicados ao Cruzeiro quanto ao Atlético, mas Galoucura e Máfia surgem com o objetivo de se diferenciar desses agrupamentos anteriores (nesse sentido, são similares aos casos de Mancha Verde e Independente, no cenário paulista).

Proposta da matéria:

Apresentar o cenário de fundação das grandes TOs de BH, demonstrando quais eram os objetivos e o que movia esses grupos. Além disso, o capítulo busca recuperar esse cenário da década de 1970, com os investimentos do Estado para bancar um campeonato efetivamente nacional.

Perguntas:

Da onde vem a inspiração de Galoucura e Máfia Azul para a criação desses agrupamentos?

O que movia esses torcedores? Quais eram os objetivos?

O que diferencia esses agrupamentos de outros? Por que eles se tornaram os maiores?

Qual o cenário do futebol e político que demarca o surgimento desses agrupamentos em outros estados e em BH?

O desempenho dos clubes e o contato mais regular com outras equipes nacionais e internacionais interferiu?

No caso da Máfia Azul, por que demorou tanto a engrenar?

Como a rivalidade é importante para o crescimento de ambos os agrupamentos? Por que Máfia Azul só engrena quando a Galoucura é criada?

Fontes:

- Leo James (Galoucura)
- Paulinho, Tosca, Jean (Máfia Azul)
- Publicações sobre a criação das TOs de outros estados
- Textos sobre a criação do Campeonato Brasileiro (que tratem do investimento do Estado, tentativa de integração nacional)

Pauta 2- Anos 90- Dinâmica de crescimento

Repórter: Bernardo

Tema: Anos 90: Dinâmica de crescimento / alianças entre torcidas

Histórico e Resumo:

Até o final dos anos 80, as torcidas organizadas de BH tinham tamanho reduzido e eram basicamente agrupamentos de amigos, de conhecidos do bairro, etc. A partir do final dos anos 80, início dos anos 90, as torcidas ganham um certo protagonismo e começam a se expandir. O capítulo busca explorar o contexto que demarca esse momento de expansão das torcidas organizadas. A redemocratização, a transmissão ao vivo dos jogos do Brasileirão, o desaparecimento de outras tribos como punks, pichadores e metaleiros. A década 90 marca a expansão das torcidas de BH como também das torcidas de outros estados. Quais são os elementos, então, desse momento sóciohistórico que dialogam com essa expansão? As torcidas crescem no número de integrantes e chamam a atenção de políticos e da mídia (introdução para os outros capítulos). Visão “empreendedora” das diretorias.

Proposta da matéria:

Apresentar o cenário de crescimento das torcidas de BH, a partir de fatores contextuais que se aplicam as torcidas de outros estados, mas também de questões específicas da cidade, como a proximidade com o cenário musical, a região central da cidade, etc.

Perguntas:

Por que que Galoucura e Máfia Azul são as torcidas que se expandem nos anos 90?

Por que que o crescimento acontece nos anos 90?

Quais as mudanças perceptíveis no perfil dos torcedores que compõem essas torcidas?

Quais os fatores contextuais que influenciam esse crescimento?

Como eles são vistos pelos políticos? Por que os políticos se interessam por eles?

Por que a mídia passa a olhar para esses agrupamentos?

Como se formam as alianças? Como elas revelam esse ímpeto de crescimento das torcidas?

Fontes:

- Entrevistas Bogus e Léo (Galoucura)
- Entrevistas Jean e Paulinho (Máfia Azul)
- Torcidas Organizadas – livro do Toledo (dados sobre o crescimento das torcidas de SP)
- Material auxiliar sobre as alianças de clubes de outros Estados

Recursos de linguagem

- Imagens de pichações (Máfia x Maria)

Pauta 3- Anos 90- Mídia e Repressão

Repórter: Bernardo

Tema: Anos 90: Mídia e repressão

Histórico e Resumo:

Os anos 90 marcam o crescimento em termos quantitativos das TOs assim como um crescimento em visibilidade. Esse crescimento leva a uma certa dificuldade de regular o envolvimento dos torcedores de um certo agrupamento com casos de violência (descentralização das TOs). Além disso, os anos 90 marcam o início da organização voltada para o mercado do futebol brasileiro. É nos anos 90 que são aprovadas as Lei Pelé e Lei Zico, que contribuem para a reestruturação econômica do setor. Essas influências e a visibilidade dada às torcidas pela transmissão ao vivo dos jogos, leva a um cenário em que a violência, por um lado, motiva o engajamento de torcedores com esses agrupamentos, ao mesmo tempo que motiva dirigentes e polícia a adotar um discurso criminalizante desses grupos com vistas a regular a presença e atuação deles no cenário do futebol. Esse capítulo busca recuperar casos marcantes dos anos 90 e situar a violência e a repressão da polícia nesse cenário social, econômico e político. Vamos narrar casos como a Batalha do Pacaembu, as brigas entre palmeirenses e corinthianos em Ribeirão Preto e casos que envolvem os torcedores mineiros como a briga entre cruzeirenses e vascaínos em 1997 no Mineirão. A ideia é que o capítulo recupere também as notícias da época, como o episódio do Linha Direto sobre torcidas organizadas e outras narrativas sobre esses episódios.

Proposta da matéria:

Apresentar o cenário de violência e criminalização das TOs que demarca os anos 90, a partir de informações contextuais, casos com grande visibilidade, narrativas jornalísticas, etc.

Perguntas:

Como esse discurso criminalizante legitima a atuação truculenta da polícia no que tange aos torcedores?

Como que a repressão e a criminalização dos torcedores nos anos 90 tem consequências até hoje para a forma como torcedores e estádios são vistos pela sociedade?

Quais são os casos com grande visibilidade de violência envolvendo torcedores dos anos 90?

Por que que esses casos tiveram tanta repercussão? Qual era o cenário específico e as características que os diferenciam de outros casos?

Em que medida há um conflito de interesses, especificamente no caso das emissoras que detém direitos de transmissão, quando se adota um discurso criminalizante de torcedores organizados?

Em termos econômicos, quem ganha com esse discurso?

Como a força policial era utilizada contra outros grupos urbanos que antecedem as TOs?

E como as mesmas estratégias repressoras são reutilizadas para lidar com as TOs?

Por que a relação dos torcedores com a força policial no Brasil se diferencia tanto dos outros países sul-americanos? Existe uma falta de consciência dos torcedores da posição social que eles ocupam? A ditadura militar brasileira tem alguma relação com essa dinâmica?

Fontes:

- Bogus e João Paulo (como que torcedores são ignorados em todas as decisões?)
- Narrativas midiáticas sobre os casos marcantes
- Lei que aprova o uso de armas não letais contra grupos violentos

Pauta 4- Torcidas Organizadas, política e poder

Repórter: Igor

Tema: Relações com o poder (interno e externo aos clubes)

Histórico e Resumo: Os torcedores organizados se envolveram historicamente em diferentes dimensões políticas. Internamente, em conflitos dentro das TOs e em conflitos com outros agrupamentos. Externamente, em relações com os dirigentes de clubes e com políticos. Esse capítulo vai explorar as diferentes dimensões políticas das relações de TOs com outros atores sociais. Entre os assuntos, as rixas dentro da Galoucura. Os conflitos que surgem a partir do processo de institucionalização das torcidas. As rixas entre Máfia Azul e outras torcidas. As relações polêmicas com os dirigentes dos clubes, como Gilvan e Perrelas no caso da Máfia Azul, e Ziza e Kalil, no caso da Galoucura. Os esquemas de ingresso e os apoios oferecidos para as viagens dos torcedores. Por fim, a ideia é explorar as relações de TOs com figuras da política, como Newton Cardoso entre outros, e a entrada de torcedores para a política formal. Possivelmente, explorar também a entrada de locutores, narradores e repórteres esportivos no âmbito da política.

Proposta da matéria: Apresentar essas diferentes dimensões políticas que envolvem as torcidas organizadas e explorar essas relações a partir de tópicos e casos representativos dos conflitos e das relações amistosas entre esses diferentes atores

Perguntas:

Quais as relações históricas entre torcedores organizados e diretorias dos clubes?

Como o apoio de dirigentes de clubes e políticos foi importante para o crescimento das TOs?

Como o crescimento/institucionalização das TOs gerou conflitos internos e externos?

Como o crescimento criou um certo aparelhamento/estruturação das TOs?

Quais figuras políticas deram apoio às torcidas historicamente?

Fontes:

- Entrevistas Léo, Bógus e João Paulo (Galoucura)

- Entrevistas Paulinho e Fábio (Máfia Azul)

- Livro da La Doce

- Matérias da Placar

Pauta 5- Cenário atual e novas torcidas

Repórter: Marco Tulio

Tema: Cenário atual e novas torcidas

Histórico e Resumo:

Os anos 2000 são marcados por intensas transformações no cenário do futebol. As mudanças na organização dos campeonatos, nos estádios, a aproximação do torcedor da figura do consumidor. Esse capítulo vai explorar a atuação das torcidas organizadas tradicionais nesse novo contexto, demarcado pelo surgimento de novos agrupamentos e de novas lideranças torcedoras (nas redes sociais).

Proposta da matéria:

Apresentar esse novo cenário e falar de como as torcidas tradicionais lidam com esses novos atores.

Perguntas:

Quais são os novos agrupamentos torcedores que surgiram mais recentemente de Cruzeiro e Atlético?

Quais as relações entre TOs tradicionais e novas torcidas?

Qual a importância dos novos estádios para essas novas torcidas?

Qual o perfil dos torcedores dessas novas torcidas e das TOs tradicionais hoje em dia?

Fontes:

- Entrevistas Fred, Bógus e João Paulo (Galoucura)

- Entrevistas Fábio (Máfia Azul)

- Textos sobre novos movimentos torcedores (criação dessas novas torcidas vem de dissidentes)

Recursos de linguagem

- Imagem da rede de conversas em redes sociais de Atlético e Cruzeiro

Pauta 6- Episódios marcantes

Repórter: Marco Tulio

Tema: Episódios marcantes na trajetória das TOs de BH

Histórico e Resumo:

Esse capítulo vai retomar alguns dos episódios, narrados pelos membros das TOs de BH, como marcantes para o desenvolvimento desses agrupamentos. São eles:

- Inauguração das 50 bandeiras (Galoucura)
- Fusão Máfia Azul / Cru-Fiel Floresta
- Fogueteira (1989 – Maracanã)
- Histórico do clássico (2 torcidas, torcidas únicas, etc)
- Caso de Cruzeiro e Vasco (1997)
- Caso do Chevrolet (2009)
- Briga entre Máfia e Pavilhão (2013)

Proposta da matéria:

Retomar os casos emblemáticos e tentar narrar como que esses casos foram importantes para o crescimento ou encolhimento desses agrupamentos.

Perguntas:

Quais são os casos marcantes de Galoucura e Máfia Azul que têm implicações importantes na trajetória desses agrupamentos?

Como a relação das duas torcidas tem impacto na organização de ambas?

Como que certos episódios influenciam nas relações das torcidas com outros agrupamentos (por exemplo, no caso Fogueteira)?